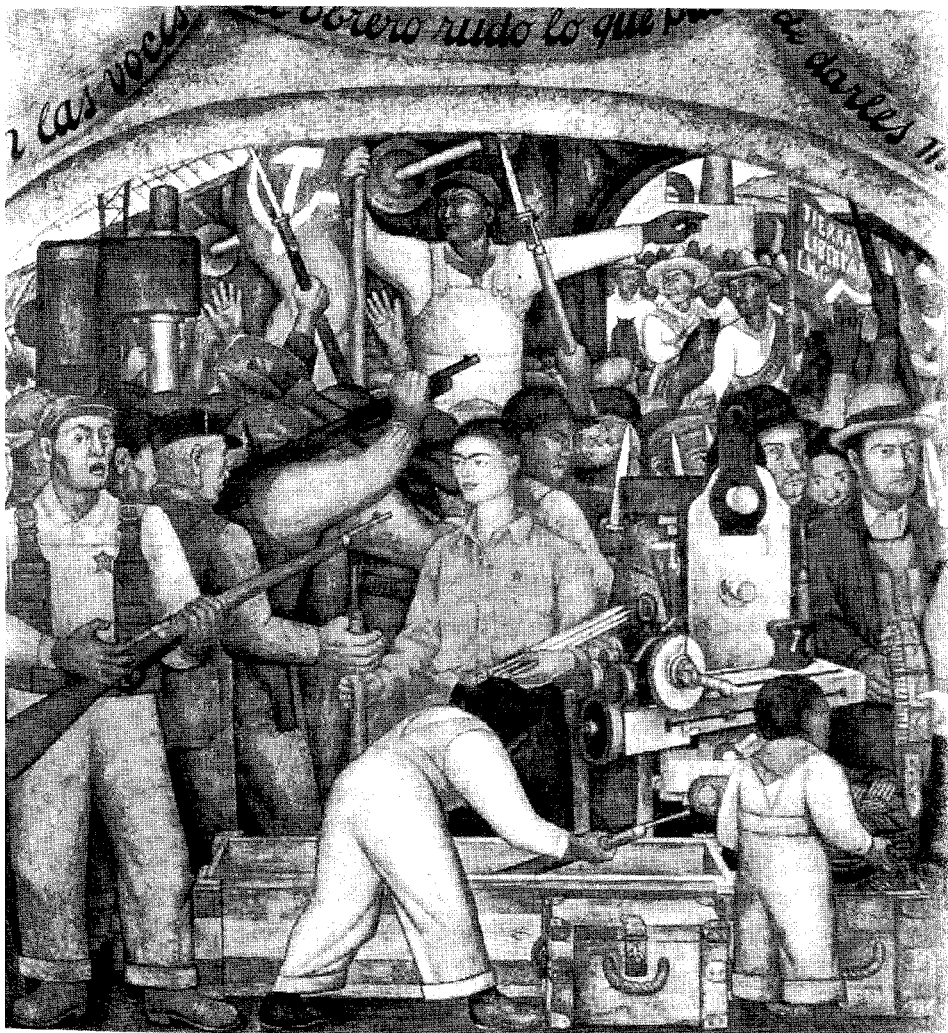


John Charles Chasteen

América Latina

UMA HISTÓRIA DE SANGUE E FOGO

NACIONALISMO



DISTRIBUIÇÃO DE ARMAS. Os movimentos nacionalistas transformaram a América Latina em meados do século XX. Este mural de Diego Rivera, pintado na parede do Departamento de Educação Pública do México em 1928, exemplifica o estado de espírito nacionalista e militante. Rivera retratou sua mulher, Frida Kahlo, entre os que distribuía armas aos revolucionários mexicanos. A foice e o martelo ao fundo sinalizam a inspiração marxista de Rivera, mas o nacionalismo não foi necessariamente um movimento de esquerda ou de direita. Cortesia do Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura © 2000 Banco de México Fiduciario en el Fideicomiso relativo aos Museos Diego Rivera y Frida Kahlo. Av. Cinco de Mayo No. 2, Col. Centro, Del. Cuauhtémoc 06059, México, D.F. Fotografia © 1986 The Detroit Institute of Arts.

As nações, para serem internamente unidas, precisam saber quem são: precisam de uma sensação clara e positiva de identidade nacional. Quatro séculos de transculturação latino-americana — o processo criativo de trocas culturais — deram origem a uma profusão de diferenças no discurso, nos costumes, nas atitudes. Entrelaçado ao processo de transculturação, o processo de mistura de raças criou populações nacionais igualmente singulares.

Durante o período colonial, os governantes europeus, em um ato essencialmente “político”, atribuíram à diferença americana um sentido negativo. Depois, crioulos partidários da independência reverteram essa atitude em sua retórica nativista de 1810 a 1825 (“Americanos, vós sois os verdadeiros filhos do solo!”), novamente como um lance de poder, uma questão de política. Mas o nativismo enfraqueceu depois que os espanhóis e portugueses foram expulsos, exceto quando revivido por ocasionais intervenções estrangeiras. O novo nacionalismo que arrebatou a região no século XX foi outra onda do espírito nativista anterior, agora com uma forte agenda econômica.

Quem eram os novos nacionalistas e o que almejavam? Com frequência, eram pessoas urbanas, de classe média e herança imigrante recente ou mista. Eles haviam se beneficiado menos do que os proprietários rurais do surto de exportações. Eles raramente conseguiam viajar para a Europa ou para os Estados Unidos, raramente dispunham de recursos para importar todo o “Progresso” que desejavam. Enquanto as elites neocoloniais haviam criado bolhas de vidro de cultura européia em países latino-americanos, os nacionalistas de classe média, numerosos de-

mais para caberem dentro dessas bolhas, comprometeram-se com uma visão de mudança maior, mais ambiciosa e, sobretudo, *mais inclusiva*. Os nacionalistas estourariam as bolhas neocoloniais, respirariam o ar latino-americano e se sentiriam orgulhosos quando novas fábricas o esfumçassem, porque a industrialização era o objetivo prático que mais desejavam.

Ao contrário das elites neocoloniais, eles também se sentiriam à vontade nas peles latino-americanas. O nacionalismo estimulava o amor-próprio coletivo, reinterpretando positivamente o sentido da diferença racial e cultural latino-americana. Os nacionalistas declararam a independência psicológica em relação à Europa. Não mais escravos da moda europeia, os latino-americanos criariam estilos próprios, especialmente na pintura, música, dança e literatura. É verdade que eles continuariam assistindo aos filmes de Hollywood e ouvindo o jazz norte-americano, mas também ensinariam Paris a dançar o tango e Nova York a dançar a rumba.

O amplo apelo do nacionalismo — indo bem além de seu “público básico” da classe média urbana — dotou-o de um poder especial. Quatro séculos de exploração colonial e, depois, neocolonial deixaram um legado amargo e desagregador na América Latina. A independência na década de 1820 havia criado os contornos de países, mas não sociedades nacionais coesas. O neocolonialismo, com seu racismo oficial e suas ferrovias ligando recursos exportáveis a portos marítimos, mas não ligando as grandes cidades entre si, pouco contribuiu para a integração nacional. As verdades simples dos nacionalistas — que todos faziam parte, que os benefícios do Progresso deveriam ser partilhados e o desenvolvimento industrial deveria constituir a prioridade — ofereciam um importante princípio de coesão. As críticas nacionalistas ao imperialismo também proporcionavam um claro foco externo para o ressentimento: na intervenção estrangeira, militar e monetária. E um inimigo compartilhado é politicamente útil. Como toda retórica, a retórica nacionalista às vezes soava vazia e o nacionalismo teve também seu lado sombrio, como veremos. Contudo, os nacionalistas que rejeitaram a premissa da superioridade branca e voltaram a atenção para questões de bem-estar público longamente negligenciadas possuíam uma nova e empolgante mensagem política. O nacionalismo obteve o apoio fervoroso de pessoas por todo o espectro social, algo que o liberalismo nunca fizera realmente. Não admira que o advento do nacionalismo represente um claro divisor de águas na história da região.

O nacionalismo latino-americano celebra o singular: uma experiência histórica particular, uma cultura particular. (Esse nacionalismo *étni-*

co assemelha-se mais à variedade alemã ou francesa do que ao nacionalismo norte-americano, que tende a focalizar um conjunto de regras e ideais políticos básicos compartilhados. A versão norte-americana é, às vezes, denominada nacionalismo *cívico*.) Por conseguinte, sinais de identidade étnica — os trajes populares, por exemplo, ou comidas tradicionais — assumem uma importância nacionalista na América Latina inexistente nos Estados Unidos. Além disso, o nacionalismo étnico tende a enfatizar a idéia de raça — muitas vezes, a idéia de pureza racial. O nazismo alemão da década de 1930 oferece um exemplo extremamente desagradável.

O nacionalismo latino-americano, por outro lado, enfatiza identidades de raça mista, *mestiças*. Os otimistas raciais da década neocolonial de 1890, persuadidos por doutrinas de “racismo científico” emanadas da Europa e dos Estados Unidos, acreditavam que as populações nacionais poderiam — e deveriam — embranquecer com o tempo, por meio da imigração e dos casamentos mistos. (Esses eram os otimistas! Os pessimistas raciais alegavam que a mistura de raças causava inevitavelmente a degeneração.) Assim, as pessoas de cor que constituíam a maioria dos latino-americanos deveriam ser excluídas ou, na melhor das hipóteses, *desativadas* da visão neocolonial do futuro.

Em contrapartida, os nacionalistas latino-americanos celebravam a mistura dos genes indígenas, europeus e africanos. O tipo físico peculiar de cada país, argumentavam alguns nacionalistas, representava uma adaptação ao seu ambiente. Ainda no neocolonial ano de 1902, Euclides da Cunha denominara os sertanejos brasileiros de raça mista “a base” da nacionalidade brasileira, embora ainda os julgasse inferiores aos europeus. Uma geração mais tarde, na década de 1930, a idéia de raças inferiores agonizava merecidamente na América Latina — oficialmente, se não nos corações racistas —, e o nacionalismo mestiço deixara sua marca. Uma série de grandes romancistas — o cubano Alejo Carpentier, o peruano Ciro Alegria e o guatemalteco Miguel Angel Asturias — empregavam temas africanos e indígenas para colocar seus países no mapa literário. Esses autores nacionalistas, além de negarem a premissa da superioridade racial europeia, elevaram a idéia da mistura de raças a uma posição especial de honra patriótica. Isso enquanto os nazistas de Hitler promoviam, com sucesso, a doutrina da supremacia branca na Europa.

Quaisquer que fossem suas desvantagens, o nacionalismo mestiço mostrou-se muito mais democrático e inclusivo do que a supremacia branca. Ele constituiu um passo à frente popular na política racial latino-americana e conserva uma forte atração atualmente entre os latino-ame-



TORNANDO-SE BRANCO EM TRÊS GERAÇÕES. *Redenção de Cam*, por Modesto Brocos y Gomez. Essa tela brasileira de 1895 ilustra a ultrapassada idéia neocolonial de que o sangue dos imigrantes europeus “embranqueceria” as populações americanas. Três gerações — uma avó negra, uma mãe mulata e seu filho branco — pretendem mostrar o embranquecimento, quando a mulher encontra um parceiro de pele mais clara. O pai da criança, imigrante português, está sentado de lado. O pensamento racial nacionalista aboliu o objetivo de embranquecimento e fez das raízes africanas e indígenas motivo de orgulho. Cortesia do Museu de Belas Artes, Rio de Janeiro.

ricos, ricos e pobres, negros, brancos, indígenas e também mestiços. As sociedades latino-americanas não transcenderam o racismo aceitando elementos americanos indígenas e africanos em sua composição nacional, mas foram mais longe do que muitas outras sociedades multirraciais, inclusive, muitos acreditam, os Estados Unidos. Esse é o aspecto mais digno de orgulho e potente do nacionalismo latino-americano.

OS NACIONALISTAS TOMAM O PODER

Adivinhe onde começou a erupção nacionalista. Foi em um país cujo neocolonialismo fora mais virulento, cujo nacionalismo extraiu energias de repetidas invasões estrangeiras, cuja população de raça mista constituía agora a maioria, um país que já elegera um presidente sem nenhum sangue europeu: o México. O centenário da rebelião de Hidalgo de 1810

viu a irrupção da primeira grande revolução social do século XX: a Revolução Mexicana (com R maiúsculo).

Em 1910, Porfirio Díaz dominara o México por 34 anos e estava ficando velho. Os reformistas apoiaram a candidatura presidencial de Francisco Madero, um cavalheiro esguio do norte do México. Madero queria apenas que Díaz compartilhasse mais poder entre a elite mexicana, mas o ditador se recusou. A popularidade de Madero aumentou quando Díaz o prendeu e, depois, exilou. Madero tornou-se então radical. Falou em devolver as terras tomadas injustamente das comunidades indígenas. Entre muitas outras, as pessoas de uma comunidade indígena denominada Anenecuilco haviam perdido terras para as plantações de açúcar intrusas durante os anos do Progresso neocolonial. Um líder dos anenecuilcos, Emiliano Zapata, aliou sua própria insurreição ao movimento nacional de Madero. A imagem de Zapata — amplo *sombrero* e bigode preto, cartucheiras a tiracolo, montado em um garanhão branco — tornou-se um ícone da Revolução Mexicana. Mas Emiliano Zapata representa apenas um dos vários líderes locais das rebeliões que irromperam por todo o México. Sem vontade ou disposição de combatê-las, Díaz partiu para o exílio parisiense em 1911.

De repente, o México estava cheio de “revolucionários” com antecedentes e objetivos bem diferentes. Eles haviam concordado apenas com a necessidade de expulsar Díaz. Quem governaria agora? Madero tentou primeiro, mas falhou. Ele foi afastado por um general — com a aprovação do embaixador norte-americano no México — e assassinado em 1913. Anos de rebelião se seguiram de 1914 a 1920, promovida por diferentes forças, seus exércitos cruzando o interior mexicano acompanhados de mulheres e crianças. Novas armas da Primeira Guerra Mundial, sobretudo metralhadoras, acrescentavam seu matraqueado à dança macabra. No estado nortista de Chihuahua, e depois nacionalmente, Pancho Villa formou um exército de antigos vaqueiros, mineiros, trabalhadores ferroviários e trabalhadores braçais dos campos petrolíferos bem diferentes dos guerrilheiros camponeses dos movimentos sulistas, como o de Zapata. Um terceiro movimento, melhor articulado, mais urbano e de classe média, enfim obteve a supremacia e esboçou uma nova constituição revolucionária, em 1917. Esses denominados constitucionistas, bem típicos do público nacionalista básico através da América Latina, podem ser considerados os vencedores da Revolução Mexicana. Seus herdeiros políticos controlaram o destino do México pelo resto do século XX.

A Constituição de 1917, que vigora até hoje, mostrou uma forte inspiração nacionalista. O Artigo 27 recuperava para a nação todos os di-

reitos aos minerais, a exemplo do petróleo, então em mãos de empresas estrangeiras. Ela também abriu caminho para os aldeões recuperarem as terras comunitárias (denominadas *ejidos*) e para a subdivisão das grandes propriedades e sua distribuição aos camponeses sem-terra. Em princípio, o Artigo 123 instituiu proteções avançadas (embora a prática variasse), como leis regendo salários e jornada de trabalho, pensões e benefícios sociais, direito de sindicalização e greve. A nova Constituição também limitou muito os privilégios dos estrangeiros e, como um legado dos radicais mexicanos anteriores, restringiu os direitos da Igreja Católica. A Igreja mexicana perdeu o que restava da antiga riqueza. Ela não poderia mais possuir nenhum bem imóvel. Seu clero, com número agora limitado por lei, não poderia envergar trajes eclesiásticos na rua ou lecionar em escolas primárias. As atitudes anticlericais exemplificam o empenho dos revolucionários em destruir tradições associadas aos antigos padrões de hegemonia cultural. Os líderes emergidos do movimento constitucional fortaleceram seu poder na década de 1920. Eles neutralizaram Zapata e Villa, esmagaram os últimos caudilhos renegados do México e sufocaram um desafio de tradicionalistas católicos armados no interior. (Esses camponeses contra-revolucionários devotos denominavam-se *Cristeros* devido ao hábito de gritar “Viva Cristo Rei!”) Finalmente, os constitucionalistas criaram um sistema de partido único que duraria, em diferentes permutações, até o final do século XX.

Esse partido chamou-se primeiro Nacional, depois Mexicano e, enfim, Institucional. Mas por sete décadas, permaneceu um partido revolucionário. Seus heróis oficiais eram Madero, Zapata e Villa, sua retórica oficial estava repleta de imagens revolucionárias e nacionalistas. Apesar da incalculável destruição e das horrendas baixas (um milhão de mortos), a Revolução fora uma experiência nacional profundamente formativa. Ela criou poderosas novas lealdades, bem como novos padrões de hegemonia. A Revolução pairaria sobre a paisagem imaginativa da política mexicana por gerações. Duas intervenções norte-americanas durante os anos de luta — uma invasão punitiva contra Villa, que invadira uma cidade do Novo México, e uma ocupação norte-americana do porto de Veracruz — deram ainda mais brilho nacionalista à Revolução. O novo governo também trouxe alguns benefícios materiais à maioria rural empobrecida. Um programa de construção de estradas diminuiu seu isolamento e algumas terras foram distribuídas, embora insuficientes para todos. Grandes projetos em educação pública começaram a reduzir a taxa de analfabetismo do país, de oitenta por cento. O Ministro da Educação mexicano na década de 1920 era José Vasconcelos, um dos princi-

pais nacionalistas culturais do hemisfério, que celebrou o triunfo do que ele denominou (pitoresca, mas confusamente) Raça Cósmica, significando os mestiços.

Os grandes pintores mexicanos Diego Rivera e Frida Kahlo, que se casaram em 1929, ilustram o nacionalismo revolucionário do México. Diego Rivera era enorme, feio, magnético e brilhante. Ele era um muralista, um pintor conhecido cujas obras cobriam paredes e tetos. Ele pintava como um furacão dias a fio, comendo, até dormindo no andaime. Os murais apinhados de Rivera retratam, sobretudo, a herança indígena do México. Ele trabalhou de 1923 a 1928 pintando o Ministério da Educação Pública de Vasconcelos com cenas de escolas ao ar livre e camponeses indígenas dividindo terras obtidas pela Revolução. De 1929 a 1930, ele pintou o Palácio Nacional do México (construído por herdeiros dos conquistadores!) com imagens da colorida agitação na Tenochtitlan asteca, imagens que mostram a conquista espanhola como um ganancioso e hipócrita banho de sangue. No mural de Rivera, Cortés, parecendo um ogro, observa os conquistadores assassinando, escravizando e contando ouro. A mensagem nacionalista de Rivera é fulgurante e deverá permanecer assim: ele pintou *al fresco*, sobre argamassa úmida, para que seus murais se tornassem permanentes, parte das próprias paredes.

Frida Kahlo, por outro lado, pintava pequenos auto-retratos, um após o outro. Ela pintava especialmente quando acamada. Tendo sobrevivido à poliomielite quando menina, ela sofreu um horrível acidente de trânsito que levou a dezenas de cirurgias. Seu corpo, como o do Aleijadinho no Brasil colonial, estava literalmente se desintegrando enquanto ela criava. Suas pinturas exploram um mundo privado de dor, mas também humor e fantasia. “Pinto minha própria realidade”, disse ela. Os surrealistas europeus começaram a admirá-la no final da década de 1930, mas o reconhecimento em outras partes, inclusive no México, veio mais tarde. Frida expressava seu nacionalismo de formas pessoais: penteados tradicionais extravagantes, jóias pré-colombianas e o vestido tehuana popular do sul do México (até os pés, para esconder a perna debilitada pela paralisia infantil). Ela adorava vestir essas roupas nos Estados Unidos, onde Diego pintou na década de 1930. Frida adorava a arte popular mexicana, como os esqueletos de *papier mâché* que decoram as celebrações do Dia dos Mortos.

Como muitos outros intelectuais mexicanos das décadas de 1920 e 1930, Diego Rivera e Frida Kahlo achavam que o México necessitava de uma revolução social. Eles aderiram ao Partido Comunista e ofereceram sua residência ao revolucionário russo exilado Leon Trotsky, que morou

com eles vários meses. O nacionalismo deles foi amplamente compartilhado no México durante as décadas de 1920 e 1930. Tudo que fosse *nacional* virou moda: música (*corridos*) e dança (*jarabes*) folclóricas, pratos tradicionais (*tamales* e *moles*), teatro de rua no velho estilo (*carpas*) e artesanato (como os esqueletos de *papier-mâché* de Frida). Filmes mexicanos, apresentando *charros* musicalmente másculos como Jorge Negrete, versão mexicana do caubói cantor norte-americano, competiam agora com Hollywood. As convicções marxistas de Rivera e Kahlo também eram compartilhadas, embora menos amplamente do que seu nacionalismo, por outros intelectuais mexicanos da época, um sinal do que viria a acontecer na América Latina como um todo.

Bem distante, na Argentina e no Uruguai, o nacionalismo mostrou uma face diferente. Na parte mais urbanizada, alfabetizada e de classe média da América Latina, o público básico do nacionalismo era mais forte do que no México. Assim, os nacionalistas da Argentina e do Uruguai conseguiram chegar ao poder sem uma revolução. O Uruguai, em particular, logo teve um dos governos mais progressistas do mundo.

Durante o século XIX, o Uruguai havia sido mais uma mini-república despedaçada pela guerra e fustigada por vizinhos mais poderosos. Suas lutas políticas confundiam-se com as da vizinha Argentina. Depois, o crescimento econômico uruguaio durante o surto de exportações pós-1880 igualou o fenomenal desempenho argentino. Como na Argentina, a delirante prosperidade uruguaia era controlada por eleições manipuladas. O grande reformador nacionalista do país, José Batlle y Ordóñez, começou como um político duro e tradicional. Batlle aproveitou seu primeiro mandato presidencial (1903-1907) para derrotar os rivais políticos. Mas tendo conquistado um amplo apoio das classes trabalhadoras e médias de Montevideú, fortemente compostas de imigrantes, no segundo mandato (1911-1915) lançou um movimento de reforma conhecido simplesmente por seu nome: Batllismo.

O Batllismo não envolvia a singularidade cultural ou racial. Era mais um nacionalismo cívico e *econômico*: uma ação planejada do Estado contra o "imperialismo econômico estrangeiro". Ele trouxe um nível inédito de envolvimento do governo na economia uruguaia: taxas alfandegárias para proteger as empresas locais; monopólio governamental dos serviços públicos, inclusive as ferrovias, que haviam pertencido aos britânicos, e o porto de Montevideú; estatização dos hotéis turísticos e frigoríficos; e montes de bancos estatais para disseminar o crédito. De acordo com a determinação de Batlle de que "a indústria moderna não pode destruir os seres humanos", o Uruguai tornou-se o primeiro país

autofinanciador da sua assistência social do hemisfério, com salários mínimos, regulamentação das condições de trabalho, seguro-acidente, férias remuneradas e aposentadoria. A educação pública, área de especial orgulho no Uruguai desde a década de 1870, recebeu apoio adicional e a universidade foi aberta às mulheres.

O Batllismo transformou o Uruguai para sempre, mas as reformas dependiam, pelo menos em parte, de épocas prósperas para financiar seus ambiciosos programas sociais. Além disso, tratou-se de um movimento urbano que deixou o Uruguai *rural* praticamente intacto. O Batllismo também foi agressivamente anticlerical, tornando a sociedade uruguaia uma das mais seculares do hemisfério. A tradicional Semana Santa católica, antes um período sombrio de procissões religiosas, tornou-se a Semana do Turismo no Uruguai moderno. Para eliminar de uma vez por todas o domínio dos caudilhos, Batlle tentou abolir a presidência de um só homem a favor de um conselho executivo. (Ironicamente, muitos viam o próprio Batlle como um caudilho, mas um "caudilho civil", diferente dos caudilhos militares do século XIX.)

Do outro lado do Rio da Prata, na Argentina, outro "caudilho civil" representando interesses urbanos derrubou a oligarquia de proprietários rurais do país através de (acredite se quiser) uma *eleição*, em 1916: a denominada "revolução das urnas". Hipólito Yrigoyen, o vencedor dessa eleição, liderava um partido reformista essencialmente de classe média com considerável apoio da classe trabalhadora: a União Cívica Radical. Após a vitória Radical na eleição de 1916, multidões jubilosas empurraram a carruagem de Yrigoyen pelas ruas de Buenos Aires, enquanto flores choviam das sacadas.

Os Radicais rapidamente se entrincheiraram, criando o primeiro partido político de massa da história da América Latina. Sem abandonar a política clientelista, a União Cívica Radical distribuiu inúmeras pensões e empregos públicos aos partidários. Já as reformas que promoveu foram menos impressionantes do que as uruguaias. Os Radicais falavam de nacionalismo econômico, mas o papel do capital estrangeiro na Argentina não diminuiu. O único ato importante de nacionalismo econômico de Yrigoyen foi a criação de um órgão governamental para supervisionar a produção de petróleo.

Mesmo assim, a presidência de Yrigoyen representou uma importante mudança, menos por seus atos do que pelo que ele representava. Mal vestido e socialmente pouco atraente, Yrigoyen era um homem do povo. Ele detestava a elite elegante de Buenos Aires e a recíproca era verdadeira. Yrigoyen enquadrou a política em termos morais, como uma espécie

de religião cívica. Ele nunca se casou e vivia uma vida reclusa de frugalidade lendária em uma residência simples que seus inimigos chamavam de “toca” presidencial. Um famoso episódio exemplifica seu desdém pelos paramentos do poder. Conta-se que um amigo pediu uma lembrança pessoal. Yrigoyen apontou vagamente para uma caixa de papelão cheia de medalhas e condecorações: “Pode pegar”, respondeu.

Argentinos comuns podiam visitar o presidente para pedir pequenos favores, no espírito do clientelismo. Yrigoyen pouco ligava para a Europa e conservou também uma tradição diplomática argentina de resistir às iniciativas hemisféricas norte-americanas. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele insistiu na neutralidade argentina, apesar da pressão norte-americana. A maior mancha em seu currículo é sua violenta repressão aos trabalhadores sindicalizados, durante a “Semana Trágica” de 1919, e à greve dos pastores de ovelhas da Patagônia, em 1921. Yrigoyen foi sucedido por outro membro da União Cívica Radical, mas retornou à presidência em 1928, agora senil, incapaz de conduzir a Argentina pela turbulenta década de 1930. Embora logo perdesse popularidade e tivesse de deixar o cargo, Buenos Aires em peso compareceu ao seu funeral poucos anos depois.

Batlle e Yrigoyen foram líderes individuais de enorme importância, não gerais montados a cavalo, mas mesmo assim caudilhos. A política nacionalista era uma política de massa muitas vezes centrada em tais líderes. Outro deles foi Víctor Raúl Haya de la Torre, que liderou os nacionalistas peruanos principalmente do exílio.

Haya de la Torre exilou-se pela primeira vez do Peru em 1920 por liderar protestos estudantis contra o ditador pró-EUA do país. No México, fortemente impressionado pela Revolução, o jovem intelectual radical fundou um partido internacional, a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), como uma espécie de autodefesa coletiva contra o imperialismo econômico na América Latina. Haya de la Torre preferia o termo Indo-América para realçar as raízes indígenas da região, exatamente como faziam os muralistas mexicanos como Rivera. Essa ênfase nacionalista nas raízes indígenas denomina-se *indigenismo*. Outro jovem intelectual peruano da década de 1920, José Carlos Mariátegui, imaginou um socialismo indígena combinando modelos incas com a teoria marxista. Mas o Peru, comparado com o México, permanecia mais etnicamente dividido: o altiplano fortemente indígena, a costa mais preta e branca. Conseqüentemente, o indigenismo teve menos sucesso como uma força unificadora no Peru.

A APRA não foi muito longe como partido internacional. Mesmo assim, ao ameaçar fazer do indigenismo mais do que teoria ou ficção, o

movimento exerceu um forte impacto no Peru. A APRA aterrorizou os conservadores. Os comícios do partido enchiam as ruas de pessoas pobres e de classe média que vociferavam seu desprezo pela oligarquia, sua fúria com o imperialismo e sua lealdade ao “Líder Máximo”, Haya de la Torre. Em 1932, a APRA revoltou-se após “perder” uma eleição manipulada. O exército reprimiu a insurreição com execuções em massa e a APRA viu-se banida da política peruana. Mas a popularidade do partido ilegal e de seu líder perpetuamente exilado só aumentou com o passar dos anos.

O nacionalismo mostrou sua potência política mesmo fora do poder. Ciro Alegría, um fervoroso militante do alto escalão da APRA, foi um dos muitos nacionalistas que tiveram de fugir do Peru. Durante sua permanência no Chile, começou a escrever ficção inspirado pelo indigenismo. Os romancistas peruanos haviam explorado o indigenismo por décadas, desde o tempo de Clorinda Matto de Turner. Mesmo assim, nada mais justo que o maior romance do indigenismo, *El Mundo Es Ancho y Ajeno* (*O mundo é amplo e alheio*), de 1941, de Alegría, emergisse das fileiras da APRA. Escritores como Alegría defendiam os povos indígenas, mas o principal objetivo prático do indigenismo estava mudando seus temas para se ajustar ao mundo maior. Talvez não seja tão estranho que Alegría escrevesse seu livro para um concurso literário de Nova York. Ele ganhou e tornou-se um dos escritores latino-americanos mais conhecidos da época.

GOVERNOS ATIVISTAS DA DÉCADA DE 1930

A Grande Depressão da década de 1930 terminou a demolição do neocolonialismo e energizou movimentos nacionalistas por toda a América Latina. Nos anos após o colapso da Bolsa de Nova York de 1929, o volume do comércio internacional latino-americano reduziu-se à metade, em um violento espasmo. Os governos que dependiam do surto de exportações desmoronaram por toda parte. Com o avanço da década de 1930, ocorreu um importante fenômeno, um efeito colateral positivo do colapso do comércio internacional. O nome desse fenômeno — industrialização por substituição de importações — é comprido, e as pessoas preferem a abreviatura ISI. Mas o nome diz muita coisa. A receita das exportações havia despencado e, com ela, a capacidade de importar produtos manufaturados. O processo de ISI ocorreu à medida que os fabricantes latino-americanos preencheram os nichos de mercado deixados vagos pelo desaparecimento das importações. Quem acredita que o co-

mércio é sempre mutuamente benéfico deve refletir sobre um fato surpreendente: a interrupção do comércio na década de 1930, que paralisou tantas fábricas nos Estados Unidos e Europa, *teve o efeito oposto* em partes da América Latina, onde a industrialização deslanchou nesses mesmos anos. A ISI deu aos críticos nacionalistas do imperialismo econômico um argumento persuasivo contra o velho comércio de importação/exportação.

A ISI começara, de fato, antes da década de 1930, mais notadamente quando a Primeira Guerra Mundial interrompeu o sistema de importação/exportação, entre 1914 e 1918. Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Cidade do México já estavam se tornando grandes centros industriais. No todo, porém, as indústrias latino-americanas permaneceram protagonistas minoritários. Até a década de 1930, elas não conseguiam competir com setores exportadores como agricultura ou mineração. Agora isso mudou. Não apenas a produção industrial aumentou substancialmente, mas as atitudes em relação à industrialização mudaram também. Os nacionalistas fizeram da industrialização um motivo de orgulho. Para eles, significava sair da sombra neocolonial e controlar o próprio destino nacional. Os governos nacionalistas das décadas de 1930 e 1940 engajaram-se no ativismo econômico à *Battle* fixação de salários e preços, regulamentação dos níveis de produção, manipulação das taxas de câmbio e leis trabalhistas protetoras. Eles também promoveram a propriedade estatal direta de bancos, serviços públicos e indústrias-chave.

Infelizmente, nem toda a América Latina beneficiou-se da ISI. Via de regra, quanto maior o mercado nacional, maior a probabilidade de sucesso das indústrias substituidoras de importações. Portanto, os países mais populosos da região — Brasil, México e Argentina — foram os principais beneficiários. Chile e Uruguai, apesar da pequena população, também avançaram na ISI. Seus padrões de vida comparativamente altos proporcionaram mais consumidores potenciais *per capita*. Mas países pequenos com populações predominantemente pobres e rurais não conseguiam absorver os produtos de muitas fábricas. Assim, a ISI pouco significou no Equador ou Bolívia, Nicarágua ou Honduras, Paraguai ou República Dominicana.

Nem a ISI trouxe todas as variedades de crescimento industrial, mesmo para os países grandes. A indústria leve (produção de bens de consumo de massa como sabão, fósforos, cerveja, biscoitos, sapatos, aspirina e roupas baratas) reagiu melhor às oportunidades de mercado da ISI. A indústria pesada (produção de “bens duráveis” como automóveis, rádios e refrigeradores) não reagiu tão bem. Ela exigia equipamentos que sim-

plesmente tinham de ser importados. E exigia *aço*. Uma indústria siderúrgica nacional exigia uma união de forças. Somente o Brasil, México, Argentina e Chile conseguiram isso durante a década de 1940.

O Brasil — com mais do dobro da população de qualquer outro país latino-americano na década de 1930, mas ainda fortemente rural e dependente das exportações agrícolas — oferece um excelente exemplo da ISI em ação. Em duas décadas, a indústria ultrapassaria a agricultura na porcentagem do PIB brasileiro. Embora as forças do mercado expliquem grande parte desse fenômeno, o nacionalismo econômico também desempenhou seu papel. A história da política nacionalista brasileira centraliza-se (mais uma vez) em um líder individual, de longe o mais conhecido e amado dos presidentes brasileiros: *Getúlio Vargas*.

Quem busca analogias com os Estados Unidos poderia perfeitamente chamar Getúlio Vargas de o Franklin D. Roosevelt brasileiro. (Observe que, de uma perspectiva latino-americana, FDR e seu parente, Theodore Roosevelt, estão a anos-luz de distância, não devendo ser confundidos. O primeiro Roosevelt parecia hostil aos latino-americanos; o segundo, amistoso.) O primeiro período do governo Vargas (1930-1945) assemelha-se à presidência de vários mandatos de FDR, exceto que Vargas retornou mais tarde, totalizando dezenove anos como presidente brasileiro. Vargas, assim como FDR, valeu-se notoriamente do rádio e expandiu muito o governo federal. Ambos foram políticos magistras, mas fisicamente não impressionavam: FDR paralisado pela pólio, Vargas baixo e folgazão. Ambos exalavam um otimismo contagioso. Ambos morreram no cargo: Vargas, memoravelmente, pelas próprias mãos.

O “reino do café” brasileiro, a maior república oligárquica da América Latina, começara a desmoronar na década de 1920. Considerando a política oligárquica brasileira incorrigivelmente corrupta, oficiais do exército jovens e rebeldes, coletivamente conhecidos na história como os *tenentes*, realizaram rebeliões simbólicas desesperadas. Uma delas foi um sangrento gesto de desafio na glamourosa praia carioca de Copacabana, em 1922. Pouco depois, outros tenentes formaram uma coluna armada de mil homens e marcharam por dois anos e incontáveis quilômetros pelo sertão do Brasil, em busca de apoio para sua visão nacionalista revolucionária. Nesse ínterim, a economia do café oscilava de crise em crise em um permanente estado de superprodução. Em 1927, o programa do governo de valorização do café travava uma batalha perdida. Seus vastos estoques de café não-vendido não paravam de crescer. Aí veio a Depressão e o preço do café despencou para menos de um terço de seu já baixo preço no mercado mundial.

A ascensão de Vargas ilustra magnificamente as conseqüências políticas de 1929. O ano seguinte foi de eleições. Vargas, governador do Rio Grande do Sul, um estado emergente mas que não produzia café, concorreu contra o candidato oficial de São Paulo, um representante dos interesses cafeeiros que haviam dominado o Brasil por duas gerações. Embora os manipuladores eleitorais produzissem uma vitória oficial para o candidato do Rei Café, o velho rei havia perdido seu domínio. Dessa vez, forças da oposição contestaram veementemente os resultados das eleições. Apoiado pelo exército, Vargas arrebatou a presidência. Essa “Revolução de 1930” tornou-se um claro divisor de águas na história brasileira.

Durante sete anos, Vargas governou como presidente mais ou menos constitucional um país subitamente tomado de novas energias políticas. O liberalismo conservador não se revezaria mais com o conservadorismo liberal. Toda sorte de nova ideologia estava em ação. Os “revolucionários” de 1930 incluíram tanto liberais frustrados opostos ao Rei Café quanto jovens tenentes idealistas, nacionalistas ferrenhos que desprezavam os liberais. Os tenentes absorveram as novas ideologias radicais da época. Alguns dos mais famosos aderiram ao Partido Comunista, fazendo dele o núcleo da Aliança Libertadora Nacional (ALN). Com a ALN, a esquerda radical passou a disputar o poder no Brasil pela primeira vez. Já na extrema direita, um grupo auto-intitulado integralista inspirou-se no fascismo europeu. Os integralistas saudavam uns aos outros com braços estendidos, usavam um símbolo (a letra grega sigma) que lembrava ligeiramente a suástica nazista e trajavam camisas coloridas, como os camisas pardas de Hitler ou os camisas negras de Mussolini, nas arruaças de rua. A cor de suas camisas era o patriótico verde.

Vargas negociou habilmente dentro da confusão política do início da década de 1930, jogando liberais, conservadores, tenentes, integralistas e comunistas uns contra os outros. Até que, em 1937, apoiado pelo exército, conquistou poderes ditatoriais e anunciou pelo rádio uma reforma institucional nacionalista: o *Estado Novo*. Foi um governo altamente autoritário: todos os corpos legislativos foram dissolvidos, os partidos políticos, banidos e os meios de comunicação de massa, censurados. Vargas se desfez do federalismo de inspiração liberal e nomeou “interventores” para governar os estados. A polícia do Estado Novo agia com brutal impunidade. Mas apesar de tudo isso, Vargas permaneceu popular. Por quê?

Vargas era pragmático, flexível quanto aos meios, mais interessado em resultados do que em princípios básicos — outro traço compartilha-

do com Roosevelt. Ele também era nacionalista ardoroso. O nacionalismo era o denominador comum de sua aliança multiclases e o espírito animador do Estado Novo. Da extrema esquerda à extrema direita, parecia que todos agora eram nacionalistas. Aqueles eram os anos 1930, quando movimentos nacionalistas faziam sucesso no mundo inteiro.

Tudo era “nacional” no Estado Novo. Vargas chegou a queimar publicamente as bandeiras dos estados brasileiros para simbolizar a primazia incontestável do governo nacional. O Estado Novo espalhou dezenas de juntas, ministérios e repartições governamentais, que lembravam as agências “sopa de letrinhas” do New Deal de FDR, a fim de promover os objetivos comuns e o bem-estar da nação. Conselhos e comissões nacionais foram criados para supervisionar ferrovias, mineração, imigração, livros escolares, esportes e recreação, energia hidráulica e elétrica etc. O Estado Novo fundou uma Companhia Siderúrgica Nacional e construiu uma enorme usina siderúrgica entre as duas cidades mais industrializadas, Rio e São Paulo. Sua Fábrica Nacional de Motores produzia motores para caminhões e aviões. Foi proibida a propriedade estrangeira de jornais. E no extremo sul do Brasil, onde alemães, italianos e outros imigrantes europeus haviam fundado colônias agrícolas e preservado sua cultura e língua, o Estado Novo pressionou pela assimilação. Os imigrantes tiveram de falar português e se integrar na sociedade nacional.

À semelhança do Partido Revolucionário do México, o Estado Novo louvava a mistura de raças e encorajava os brasileiros a aceitarem sua herança africana. Em 1933, as qualidades positivas da “fusão” racial e cultural haviam sido promovidas em um importante estudo, *Casa-grande e Senzala*, de um jovem antropólogo chamado Gilberto Freyre. Freyre argumentou que a herança africana do Brasil, longe de constituir uma desvantagem nacional (como nas teorias racistas), criara a identidade nacional inconfundível do Brasil e imbuíra todos os brasileiros, quer eles soubessem ou não, de aspectos da cultura africana. Os brasileiros pareciam entusiasmados com a mensagem unificadora de Freyre e todo um campo de estudos afro-brasileiros subitamente surgiu com encorajamento oficial. Durante esses anos, o animado samba afro-brasileiro tornou-se aceito como a característica cultural do país, vigorosamente promovido pela mídia de massa do Estado Novo.

Carmen Miranda — cantora, dançarina e atriz com turbante aparentemente constituído de frutas — levou a onda do samba nacionalista ao estrelato cinematográfico, primeiro no Brasil, dotado agora de sua própria indústria cinematográfica e mais tarde, nos Estados Unidos. Carmen Miranda personificava o paradoxo. No Brasil, seus papéis no

cinema preencheram o nicho — musicais *nacionais* com música *nacional* — que os *charros*, caubóis cantadores, preencheram no México. Mas sua imagem posterior como estrela do cinema norte-americano foi uma caricatura genérica e gesticuladora da “latino-americana ardente” que hoje em dia não parece nada nacionalista. Ela criou essa *persona* para se ajustar ao gosto norte-americano, e não ao brasileiro. Mesmo assim, sua afrontosa fantasia, muitas vezes atribuída a Hollywood, era puro Rio de Janeiro: uma versão carnavalesca-*kitsch* do tradicional traje de baiana afro-brasileiro. Seus passos de samba eram cuidadosamente estudados com professores baianos. Mas a própria Carmen Miranda não era afro-brasileira. Na verdade, ela era portuguesa, embora crescida no Brasil. Mesmo assim, sua dança a tornava brasileira — segundo ela (“Diga-me”, disse ela, “se não trago o Brasil em cada curva do meu corpo!”) e segundo o público brasileiro que a aplaudia na década de 1930. Carmen Miranda realizou nove excursões sul-americanas com casas lotadas. Em 1940, após se apresentar para Roosevelt na Casa Branca, retornou para ser recebida como heroína no Rio de Janeiro. Mas sua popularidade no Brasil despencou quando os brasileiros a ouviram cantar em inglês.

Por todo o Brasil, um processo de autodescobrimento cultural se desenrolava. Um festival memorável, a Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, inaugurou uma corrente nacionalista inovadora nas artes brasileiras. Entre os participantes do movimento modernista de São Paulo estava Heitor Villa-Lobos, que integrou as melodias folclóricas brasileiras às suas composições clássicas, como Chopin e Liszt haviam feito com as melodias folclóricas polonesas e húngaras, por razões igualmente nacionalistas, um século antes. Sob Vargas, Villa-Lobos promoveu um programa nacional de enriquecimento musical, organizando enormes concertos para dezenas de milhares de pessoas. Atualmente, Villa-Lobos é, de longe, o compositor clássico mais conhecido da América Latina. Outro importante lumiar da Semana de Arte Moderna de São Paulo foi o escritor Oswald de Andrade. “*Tupi or not tupi, that is the question*”, declarou Oswald, com a jovialidade irônica tipicamente brasileira, em seu influente *Manifesto Antropofágico* de 1928. Lembrando certos costumes dietéticos tupis, Oswald sugeriu que os artistas brasileiros metaforicamente “canibalizassem” a arte européia: que a consumissem, digerissem e, depois, combinassem com influências nativas e africanas para inventar uma nova arte própria do Brasil. Enquanto isso, contadores de histórias do Nordeste brasileiro criavam uma grande tradição narrativa com fortes raízes nacionalistas. Entre eles estava Jorge Amado, hoje o roman-

cista mais famoso do Brasil. Os livros de Jorge Amado quase sempre têm como cenário a Bahia, onde as raízes africanas do Brasil são especialmente profundas. Como Diego Rivera, Frida Kahlo e muitos outros artistas e escritores nacionalistas, Jorge Amado adotou uma visão marxista revolucionária na década de 1930.

O governo Vargas também acabou tendendo para a esquerda, como veremos. Mas, nas décadas de 1930 e 1940, as políticas de Vargas eram difíceis de enquadrar no espectro esquerda-direita das ideologias políticas. O nacionalismo, e não o socialismo, era a visão de que se valia para conciliar as exigências de industriais e de operários. O Estado Novo fez da industrialização uma prioridade e sua vasta legislação trabalhista disciplinou a força de trabalho, atendendo ao desejo dos proprietários de fábricas, mas também a protegeu, atendendo às necessidades dos trabalhadores. O Estado Novo criou centenas de sindicatos vinculados ao governo, mas não permitia que declarassem greve. Pelo contrário, as reclamações dos trabalhadores deviam ser julgadas pelo governo. Era um sistema paternalista, não controlado pelos próprios trabalhadores. Mesmo assim, ele constituiu uma melhoria em relação aos anos anteriores, quando os protestos de trabalhadores haviam sido simplesmente “uma questão de polícia”. Um impressionante corpo de legislação social — de padrões de saúde e segurança a um salário mínimo, jornada semanal de 48 horas, planos de aposentadoria e pensão e salário-maternidade — foi posto em vigor para a classe trabalhadora industrial e a classe média urbana.

Como na Argentina e no Uruguai, o movimento nacionalista brasileiro tinha base e orientação urbanas. Somente no México, onde camponeses armados haviam ajudado a fazer a revolução, o nacionalismo transformou também a sociedade rural. O período de maior transformação foi, sem dúvida, de 1934 a 1940, durante a presidência de Lázaro Cárdenas.

Enquanto Vargas, como Franklin D. Roosevelt, advinha de uma rica família proprietária de terras, Cárdenas teve uma humilde origem aldeã. Ele lutara bravamente na Revolução, tornando-se depois governador de seu estado natal, Michoacán, no escarpado e conservador Oeste mexicano. Com 39 anos, ao se tornar o candidato presidencial do Partido Revolucionário, Lázaro Cárdenas era conhecido pela lealdade à causa, mas não pela iniciativa. Ele surpreendeu a todos ao agarrar as rédeas do poder e infundir toda a nação com sua visão de um México melhor e mais justo. Ele começou esse processo durante a campanha eleitoral. Como candidato oficial do Partido Revolucionário, ele concorria sem

opponentes; mesmo assim, empenhou-se na campanha como se fosse um candidato desconhecido, percorrendo mais de 2.500 quilômetros do interior mexicano, visitando aldeias remotas — a cavalo, se necessário — como nenhum candidato presidencial jamais fizera antes. Cárdenas não esqueceu as aldeias do México após se tornar presidente.

Durante o mandato de seis anos, Cárdenas distribuiu quase 18 milhões de hectares de terra, o dobro do que havia sido distribuído nos 25 anos anteriores. Ele apoiou as organizações de trabalhadores e, ao contrário de Vargas, defendeu seu direito à greve. O apoio governamental a trabalhadores em greve levou a um grande confronto internacional em 1938. Esses trabalhadores eram empregados de empresas petrolíferas britânicas e norte-americanas que operavam na costa nordeste do Golfo do México. Quando as empresas e os grevistas submeteram sua disputa à arbitragem do governo, os árbitros concederam aos trabalhadores um aumento dos salários e serviços sociais. Mas os proprietários estrangeiros recusaram-se a conceder o aumento. A Suprema Corte mexicana examinou e confirmou a decisão, mas, mesmo assim, as empresas estrangeiras mostraram-se relutantes. Os proprietários estrangeiros ficaram chocados quando Cárdenas decretou a expropriação das empresas petrolíferas, de acordo com o Artigo 27 da Constituição mexicana. Poucas medidas foram tão populares entre o povo mexicano, que contribuiu voluntariamente com parte de seus escassos rendimentos para ajudar o governo a indenizar os ex-proprietários. Mesmo a Igreja Católica, apesar de seus longos e acerbos conflitos com o governo revolucionário, tocou os sinos em júbilo ante o anúncio da expropriação das empresas petrolíferas. A “declaração da independência econômica” do México, como se tornou conhecida no país, deu origem a uma empresa petrolífera nacional, a PEMEX. As ferrovias já haviam sido nacionalizadas, com menos alarde, em 1937.

A Grã-Bretanha rompeu relações diplomáticas como resultado da expropriação e as empresas petrolíferas norte-americanas clamaram pela intervenção, mas Roosevelt tinha outros planos. O mundo parecia um lugar perigoso na década de 1930 e Roosevelt achou que os Estados Unidos precisavam urgentemente de aliados na América Latina. Com a guerra mundial avultando no horizonte, ele fez todo o possível para cultivar a amizade latino-americana. No discurso de posse, anunciou uma “Política de Boa Vizinhança” para com a América Latina. (A idéia não era totalmente nova em 1933. Presidentes republicanos norte-americanos da década de 1920 já haviam começado a abandonar o intervencionismo agressivo dos anos anteriores, achando que criava mais proble-

mas do que solucionava.) Mas, em 1933, no sétimo congresso do movimento pan-americano, representantes de Roosevelt prometeram publicamente o fim das intervenções militares. Além disso, Cuba e Panamá deixariam de ser “protetorados”, onde fuzileiros navais norte-americanos podiam “passear” à vontade. O resultado foi uma notável mudança no estado de espírito das relações Estados Unidos-América Latina. Roosevelt valeu-se então da melhoria das relações para promover acordos de segurança hemisférica em sucessivas conferências pan-americanas no final da década de 1930 e início da década de 1940. Carmen Miranda, agora vivendo nos Estados Unidos, fez filmes de “boa vizinhança”, bem como Walt Disney (como o desenho animado de 1945 *The Three Caballeros*, em que o Pato Donald se une a um papagaio brasileiro e um galo mexicano).

Se a nacionalização da indústria petrolífera mexicana em 1938 foi a prova de fogo da Política da Boa Vizinhança, então ela passou na prova. As relações entre América Latina e Estados Unidos tornaram-se mais amistosas do que em qualquer época anterior ou posterior. Depois que os Estados Unidos entraram na guerra, todos os países da América Latina acabaram aderindo como aliados. Os pequenos países da América Central e Caribe, mais próximos dos Estados Unidos em todos os sentidos, aderiram de imediato. Mas, infelizmente, alguns dos mais rápidos em aderir ao esforço de guerra foram antigos “beneficiários” de intervenções militares norte-americanas, agora nas mãos de ditadores pró-Estados Unidos. Alguns desses eram tiranetes deploráveis, como Rafael Trujillo da República Dominicana, sobre quem Roosevelt teria supostamente dito: “Ele pode ser um canalha, mas é o nosso canalha” (no sentido de *não do inimigo*). (Chile e Argentina — muito mais distantes dos Estados Unidos e diplomaticamente mais arduos, com muitos imigrantes do “outro lado”, Alemanha e Itália — foram os últimos a aderir ao esforço de guerra norte-americano. Já o Brasil tornou-se o mais prestativo de todos os aliados.) A “saliência do Brasil” avançando bem para leste foi de grande importância estratégica na guerra do Atlântico e Vargas permitiu que se construíssem ali bases militares e pistas de decolagem. Além disso, uma divisão de infantaria brasileira foi lutar na Itália junto com tropas norte-americanas. Pilotos de combate mexicanos, por sua vez, realizaram missões no Pacífico, contribuindo bastante para melhorar as relações entre México e Estados Unidos.

A Segunda Guerra Mundial também deu um estímulo adicional à ISI — mais ainda do que a Depressão — não apenas no Brasil, mas por toda

parte. Os gastos governamentais com a produção bélica trouxeram a indústria norte-americana de volta à vida, conquanto produzindo agora tanques e bombardeiros, em vez de automóveis e ônibus. A demanda norte-americana por exportações agrícolas latino-americanas também se recuperou. Receitas estrangeiras à mão, as classes médias latino-americanas estavam prontas para uma orgia de compras, mas a guerra impossibilitava a compra de bens de consumo dos Estados Unidos ou Europa. Assim, com o aumento da demanda e a ausência temporária de concorrência estrangeira, as indústrias latino-americanas continuaram a florescer. Em 1943, por exemplo, as exportações brasileiras totalizaram cerca de US\$445 milhões, um superávit comercial de US\$135 milhões. Pela primeira vez em todos os tempos, muitos países latino-americanos exibiram balanças comerciais favoráveis com a Europa e os Estados Unidos.

Em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, os nacionalistas podiam se orgulhar de conduzir com sucesso os principais países da América Latina por um período turbulento. Grandes coisas pareciam assomar no horizonte. Se a industrialização prosseguisse à taxa da década anterior, Brasil, México, Argentina e, possivelmente, outros países logo obteriam as indústrias pesadas típicas dos países mais desenvolvidos.

Ao mesmo tempo, uma ampla transformação da cultura pública estava desintegrando rapidamente o amargo legado de hierarquia racial e exclusão política da América Latina. Os corredores do palácio do governo mexicano — verdadeiros “corredores do poder” — ostentavam agora com orgulho enormes murais de Diego Rivera retratando as realizações do México indígena e os males da colonização espanhola. Sambistas negros cariocas passaram a ser aclamados como expoentes da cultura nacional brasileira e seus desfiles carnavalescos recebiam subsídios do Estado. Por toda parte, os latino-americanos se orgulhavam de si mesmos e uns dos outros. O advento do fonógrafo, rádio e cinema fez do grande cantor de tango argentino, Carlos Gardel, um ídolo por toda a América Latina. O público gostava tanto de seus tangos que, às vezes, interrompia seus filmes e obrigava o operador a voltar a fita e repetir uma canção. Gardel fazia uma triunfante excursão internacional, em 1935, quando seu avião se chocou contra uma montanha colombiana, encerrando tragicamente sua ainda ascendente carreira. Depois, em 1945, Gabriela Mistral, uma poetisa chilena, tornou-se a primeira latino-americana a ganhar um Prêmio Nobel. Na literatura, como na pintura e música, a América Latina estava se tornando classe mundial.

Contudo, grandes problemas persistiam. Para começar, o nacionalismo, a ISI e o crescimento de uma classe média urbana quase não afetaram algumas partes da América Latina. A América Central é um bom exemplo. Os mercados internos dos países da América Central eram pequenos demais para sustentar uma grande industrialização. Por isso, as oligarquias rurais quase não haviam cedido o controle a coalizões nacionalistas mais progressistas no istmo entre Panamá e Guatemala. Enquanto nacionalistas como Cárdenas enfraqueciam a classe de proprietários rurais do México, oligarquias cafeeiras antiquadas ainda governavam grande parte da América Central. Na Guatemala, muitos cafeicultores eram alemães com atitudes estritamente neocoloniais para com a Guatemala. El Salvador, uma versão em miniatura do antigo “reino do café” brasileiro, foi o pior caso. Ali, um ditador implacável, Maximiliano Hernández Martínez, um praticante do ocultismo, defendeu o Rei Café tão brutalmente que 1932 entrou para a história salvadorenha como o ano da “Matança”. A maioria das vítimas — mais de dez mil — foram indígenas. Ser “índio” tornou-se tão perigoso na década de 1930 que os salvadorenhos indígenas abandonaram gradualmente a identidade étnica. Eles esconderam os trajes típicos, falaram apenas espanhol e tentaram se misturar à população em geral. Grande parte de sua cultura perdeu-se para sempre. Ironicamente, na mesma época em que o indigenismo tornava-se uma doutrina oficial no México nacionalista e outros países, a herança indígena do teimosamente neocolonial El Salvador praticamente deixou de existir.

Tampouco deve-se confundir a retórica nacionalista com a simples realidade em qualquer lugar. Apesar da popularidade do indigenismo e do nacionalismo mestiço, atitudes racistas persistiam por toda parte na América Latina. A poetisa Gabriela Mistral nunca perdoou a elite chilena por fazê-la se sentir inferior, desde o início, devido à cor mestiça. Além disso, a urbanização esgotara as moradias e serviços urbanos existentes. Favelas erguidas por migrantes do campo em busca de empregos industriais, espalharam-se nas periferias das grandes cidades latino-americanas. Esperava-se que fossem temporárias; mas nesse ínterim, apagões e falta d'água tornaram-se rotineiros. Fora do México, o campo latino-americano mal sentira as melhorias trazidas pelo nacionalismo. Mais empregos industriais faziam-se necessários para os migrantes do campo que chegavam dia após dia às favelas. Enquanto isso, as indústrias latino-americanas permaneciam tecnologicamente defasadas em re-

lação às da Europa e dos Estados Unidos. Elas haviam prosperado sob as condições especiais da ISI, durante a Depressão e a Guerra Mundial, mas teriam de melhorar rapidamente para serem competitivas no período do pós-guerra.

CONTRACORRENTES:

Líderes Populistas do Século XX



Juan e Eva Perón.
Cortesia da UPI,
Corbis-Bettmann.

Os meados do século XX foram uma época de líderes carismáticos na América Latina. Em geral, eram oradores eletrizantes com uma mensagem nacionalista. Eles se tornaram *populistas* direcionando sua mensagem aos eleitores pobres e de classe média baixa. Versões populistas do nacionalismo dominaram a cena política latino-americana após a Segunda Guerra Mundial. Os populistas cultivavam invariavelmente um estilo coloquial, muitas vezes paternalista. (O paternalismo em que o líder é venerado costuma ser um traço conservador.) Por outro lado, os populistas muitas vezes exibiam uma retórica radical, criticando as oligarquias e o imperialismo econômico. Seu comportamento no poder é difícil de classificar em um espectro político esquerda-direita. Mas nos anos de Guerra Fria, de 1948 a 1989, qualquer líder que mencionasse muito os trabalhadores tendia a ser classificado como esquerdista, ou mesmo comunista, por diplomatas norte-americanos. O resultado foi um monte de confusão. Reconhecer essa confusão é essencial para interpretar a política turbulenta da Guerra Fria na América Latina (nossa próxima parada).

VICTOR RAÚL HAYA DE LA TORRE, DO PERU, o criador da APRA, pode ser considerado um populista. Quando ele concorreu para presidente em 1932, a assustada elite de Lima tachou-o de comunista, mas os comunistas peruanos o criticaram com a mesma intensidade. As verdadeiras preocupações de Haya eram nacionalistas: orgulho cultural

("Indo-América") e antiimperialismo ("Empresas estrangeiras extraem nossa riqueza para vendê-la no exterior"). Embora não chegasse à presidência do Peru, Haya de la Torre estabeleceu um forte vínculo com os eleitores peruanos que durou um quarto de século. Líderes populistas como Haya de la Torre despertaram o tipo de lealdade pessoal inspirada pelos caudilhos no século XIX.

JOSÉ MARÍA VELASCO IBARRA, DO EQUADOR, outro famoso orador, operava uma magia semelhante. Seu autoconcedido título de "Personificação Nacional" exemplifica a idéia, adotada por muitos populistas, de uma identificação mística com as massas: "Dê-me uma sacada e eu retornarei à presidência", declarou memoravelmente, e não foi uma bazófia vã. Da década de 1930 à de 1960, a retórica nacionalista de Velasco Ibarra valeu-lhe a presidência do Equador nada menos do que cinco vezes, sempre de uma posição ligeiramente diferente no espectro esquerda-direita. Geralmente, o exército o derrubava antes do final do mandato.

JORGE ELIÉCER GAITÁN, DA COLÔMBIA, talvez fosse o mais inflamado de todos esses oradores, embora, como o peruano Haya de la Torre, nunca chegasse à presidência. Gaitán ficou nacionalmente famoso denunciando um massacre de trabalhadores das plantações de bananas e suas reprovações do poder e dos privilégios trouxeram a palavra "oligarquia" para o vocabulário cotidiano da Colômbia. Quando Gaitán falava ao microfone diante de uma multidão colombiana, muitas vezes recordava sua própria origem pobre e as humilhações iniciais, sendo adorado por isso. (Ele não precisava lembrar sua cor mestiça, pois ela era claramente visível, nunca sendo esquecida por ninguém — ainda menos pela elite de pele clara.) O assassinato de Gaitán, em 1948, desencadeou um dos maiores distúrbios urbanos já ocorridos na América Latina: o *Bogotazo*, uma revolta que abalou a capital colombiana, custou duas mil vidas e ficou gravada nas mentes dos colombianos da época.

LÁZARO CÁRDENAS, DO MÉXICO, que reenergizou a revolução institucional do México na década de 1930, foi outro populista. Mais do que um orador público bombástico, Cárdenas foi um incansável ativista de base que se misturava tranqüilamente ao povo comum e recebia caixas de cartas de suplicantes humildes, à semelhança de Franklin D. Roosevelt nos Estados Unidos. Na verdade, Cárdenas passava pouco

tempo na Cidade do México, preferindo viajar incansavelmente pelo país, ouvindo as queixas e solicitações de suplicantes humildes que vinham de chapéu na mão, depois despachando suas decisões presidenciais em mesas armadas em poeirentas praças de aldeias.

O EX-DITADOR GETÚLIO VARGAS, DO BRASIL, criador do Estado Novo, reapareceu na década de 1950, como veremos. E retornou como um populista conquistador de votos e de inclinação esquerdista. Vargas exemplifica o enigma do populismo. Ele era realmente um candidato dos trabalhadores, defensor dos humildes, ou explorava oportunisticamente a retórica pró-proletariado? A resposta é sim, ou melhor, as duas coisas. O Estado Novo perseguiu o Partido Comunista e fora paternalista em vários aspectos. Mas as políticas nacionalistas de Vargas tornaram-no realmente popular entre os pobres brasileiros. De fato, um Vargas de sorriso radiante, descrito como "o pai dos pobres", tornou-se um tema importante da literatura de cordel, um bom indicador de atitudes positivas das classes inferiores.

EVITA E JUAN PERÓN DA ARGENTINA foram provavelmente os maiores e mais controvertidos de todos os populistas. Sua história será contada no próximo capítulo. A base do movimento peronista foi a lealdade dos trabalhadores argentinos à figura calma e paternal de Perón e sua glamourosa esposa, lealdade que nunca desapareceu. Os Peróns conquistaram essa lealdade em parte elevando o padrão de vida dos trabalhadores. Mas houve mais: assim como Vargas, Perón exibiu um famoso sorriso que parecia funcionar como uma tela branca sobre a qual as pessoas projetavam suas próprias esperanças e sonhos. Oficialmente, os Peróns adotaram uma "terceira via" política — nem esquerda, nem direita —, mas seu movimento acabou se dividindo nessas duas vertentes.